

A L M A D I N A

A DIFERENÇA COMO RIQUEZA

Por: Sheikh Aminuddin Mohamad

07.04.2025

Nos dias que correm, nós, os Humanos, perdemos a capacidade de saber viver e conviver. Este não é um fenómeno que ocorre apenas fora, pois até mesmo dentro das nossas casas ele ocorre, senão vejamos: não há diálogo entre pais e filhos. O pai já não entabula qualquer tipo de conversação com os seus filhos, e estes trancam-se dentro de seus quartos e não fazem questão de se sentarem na sala ao lado do pai.

Dentro das casas surgiram ilhas separadas, pois cada um dentro de casa vive apenas para si. O filho vive na sua ilha e o pai só dá ordens, e não dialoga com ele.

E até mesmo entre o casal, dentro da sua casa não há diálogo, o que concorre grandemente para o aumento do número de divórcios.

O amor nos lares está a diminuir, pois no seio de muitos casais já não há espaço para a compreensão, e as divergências surgem por razões mesquinhas. As razões que concorrem para conflitos que muitas vezes degeneram em separação, quebra de lares, divórcios, etc., são tão mesquinhas, que chegam a dever-se a razões tão ridículas como por exemplo, sal a mais ou a menos na comida.

Os tribunais estão cheios de processos não resolvidos. Milhares de casos enchem as prateleiras dos tribunais simplesmente porque os casais não conseguem conviver e dialogar.

Olhemos para a geração de jovens que não tendo ninguém com quem conversar recorrem ao álcool e às drogas, e desenvolvem comportamentos extremistas. Portanto, todos estes fenómenos sociais revelam que há um grande problema com os jovens, que começa em casa, com os cônjuges, com os filhos e seus pais, e se estende às escolas e universidades.

Até mesmo entre adeptos de uma mesma religião por vezes surgem conflitos devido a razões insignificantes, e que se transformam em grandes problemas, desenvolvendo sentimentos de ódio entre eles. E o que é triste é que tais divergências levam os crentes de uma mesma religião a insultarem-se e a se amaldiçoarem entre si.

Devemos aprender a viver juntos, ainda que haja diferenças ou alguma forma de divergência entre nós.

No currículo escolar deveria haver uma disciplina que versasse matérias sobre o convívio entre pessoas, culturas, religiões e etnias diferentes. É uma vergonha o que está a acontecer um pouco por todo o lado. A xenofobia, ou qualquer forma de aversão vai ganhando espaço.

Conviver com outro não significa que percamos a nossa identidade, a nossa cultura ou a nossa religião, pois conviver significa “viver com outrem”. Portanto, são duas partes separadas, e se o são, tal facto se deve às diferenças entre eles. Se uma das partes se deixar absorver pela outra, deixa de haver duas partes, passando a haver apenas uma, e aí já não se aplica o termo “conviver”.

Ninguém tem o direito de impor a sua cultura ou a sua maneira de ser ao outro e depois exigir que haja convivência. Ninguém tem que ser cópia do outro, pois todos nós somos diferentes, e é na diferença que devemos saber viver, conviver e respeitarmo-nos mutuamente.

Somos diferentes na aparência, pelo que naturalmente somos também diferentes na maneira de ser. Até mesmo pai e filho não são iguais. Nem mesmo dois gémeos desenvolvidos a partir do mesmo núcleo o são. E se alguém exige que o seu próximo seja igual a si, está a pensar mal, pois é algo impossível.

Se aceitarmos este princípio, então teremos andado meio-caminho, e metade dos nossos problemas estará resolvido e não só. As diferenças são uma riqueza, já que elas enriquecem a vida na Terra. São as nossas diferenças que fazem com que o Mundo progrida.

Se vemos alguém diferente de nós devemos ficar satisfeitos, pois assim ir-nos-emos complementar em presença daquilo que o outro tem e que nos falta, bem como complementar o outro com aquilo que temos e que a ele lhe falta.

Deus diz no Qur'án, que:

“Ele criou-nos a partir de um macho e uma fêmea, e fez de nós povos e tribos, para melhor nos conhecermos uns aos outros”.

Se Deus quisesse poder-nos-ia ter feito a todos um único povo ou uma única tribo, pois foi Ele Quem nos criou na forma que quis. Portanto, se existe diversidade de povos, tribos, línguas, etc., é porque Deus assim o quis. Logo, tem de haver diferença porque é vontade d’Ele. Mas essa diferença deve ser dirigida no sentido positivo. Somos diferentes para a troca de experiências, para a compreensão mútua, para aprendermos um de outro, pois ninguém é superior na base da raça ou da cor. E perante Deus, só é superior quem O teme mais.

Um dos objectivos de Deus ao nos criar, foi para edificarmos a Terra, e só o podemos fazer se formos diferentes uns dos outros, para assim trocarmos ideias, experiências, culturas e benefícios.

Se todos fôssemos iguais, a Terra estaria muito pobre, sendo nesse âmbito que hoje vemos os nossos governos a celebrar acordos com outros países para a troca de experiências, “know how”, etc., e só assim é que o Mundo se desenvolve.

Os E.U.A. que são uma superpotência no Mundo estão em constante desenvolvimento porque vive lá gente das mais diversas origens, raças, nacionalidades e religiões, e foi assim que eles apresentaram ao Mundo uma nova civilização, a chamada “Civilização Americana”.

Mesmo a Europa, está a desenvolver-se graças aos imigrantes de várias nacionalidades que com o seu labor contribuem para o avanço do chamado Velho Continente.

Apesar das nossas diferenças, devemos reconhecer que cada um de nós é um membro da Grande Família Humana. Todos somos criaturas de Deus, e a Terra é Sua pertença. Se não aceitarmos este princípio, então surgirão outras ideias perigosas como a xenofobia em que não se tolera o outro porque se acha que é de outro País e diferente de nós, devendo ser rejeitado.